



Fernando Alexandre desfiou alguns dos desafios da atualidade e deixou pistas sobre como podem ser enfrentados Foto: Joaquim Dâmaso

Ministro da Educação alerta: “vamos precisar de mais educação, conhecimento, tecnologia e inovação”

Carlos Almeida

Vivemos tempos em que o aumento da incerteza global — alimentado por crises financeiras, mudanças tecnológicas, tensões geopolíticas e fenômenos climáticos extremos — é a grande certeza. O mundo é, afinal, “um lugar mais difícil do que era há 20 ou 30 anos”.

Fernando Alexandre, ministro da Educação, Ciência e Inovação, foi um dos oradores na conferência, no dia 27, e deixou traçado o cenário de grande vulnerabilidade que afeta o mundo. A resposta, defende, passa por reforçar o investimento em conhecimento: “vamos precisar cada vez mais de mais educação, de mais conhecimento, de mais tecnologia, de mais inovação”, não apenas para compreender a complexidade, mas também para responder a problemas cujas soluções são exigentes e demoradas, num contexto onde o populismo tende a oferecer respostas simplistas.

Num segundo eixo, destacou a necessidade de preparar a sociedade — desde os cidadãos às instituições — para lidar com a adversidade crescente. O governante defendeu o reforço da resiliência, incluindo no sistema educativo, com o desenvolvimento de competências que permitam reagir a crises sem pânico, num mundo onde eventos extremos serão mais frequentes. “Temos de preparar individualmente cada cidadão para isso”, afirmou, sublinhando também o papel do Estado na proteção face a riscos, ainda que reconhecendo os limi-

tes dessa preparação: “nenhum país está preparado para uma coisa como a que aconteceu”.

“Temos de preparar individualmente cada cidadão e o Estado tem de preparar estruturas para isso. Mas, esta é a pior tempestade que há registo. Ou seja, não se prepara um país para uma tempestade que nunca existiu”, reforçou. Fernando Alexandre admitiu que é preciso “desenvolver competências para lidar com a adversidade”, quer se trate de um “incêndio, um sismo ou um cataclismo, como este [tempestade Kristin] que afetou esta região”.

Para o governante, se a mensagem não passar à população, o terreno para o populismo aumenta, pois “está, basicamente, preocupado com a satisfação das necessidades imediatas”. Defendendo que o investimento na educação e no conhecimento é fulcral para enfrentar os novos tempos, Fernando Alexandre manifestou confiança no papel da futura Universidade de Leiria e Oeste — resultante da reconversão do Politécnico de Leiria. Indicou ainda que o processo já ultrapassou todas as etapas, aguardando apenas aprovação em Conselho de Ministros, sendo a sua criação “anunciada a seu tempo”.

A braços com o impacto

Com os ecos das mudanças climáticas a fazerem-se sentir na região, Fernando Alexandre anunciou a intenção de reforçar a capacidade de os equipamentos educativos enfrentarem os novos desafios. “Não há desculpas” para



O mundo em que vivemos é completamente diferente do mundo em que vivíamos há 20, dez e cinco anos”

Se houver uma tempestade deste tipo, não podemos ficar com uma escola inoperacional porque ela não resiste a estes ventos”

A nova Universidade de Leiria e Oeste vai ser muito boa para a região e muito boa para o país”

Fernando Alexandre
ministro da Educação, Ciência e Inovação

deixar de reforçar a construção das escolas, adaptando-as às novas condições meteorológicas extremas, salientou. “Não podemos simplesmente pensar na recuperação das escolas como pensámos antes da tempestade”. Na prática, Fernando Alexandre defendeu ser necessário “pensarmos em modelos de construção de países que já têm estado expostos a estes eventos há muito tempo”, assegurando “estruturas que resistem a ventos de 200 km/h”.

O reforço da capacidade das escolas para enfrentar cenários adversos surge numa altura em que Portugal tem “em curso, ou previstos, até ao final da década, investimentos de mais de 1550 milhões de euros em quase 400 escolas de todo o país”.

As intervenções de reforço da resistência devem ocorrer não só nesta região atingida, mas também no resto do país, para que, “se houver uma tempestade deste tipo, não voltemos a ficar com uma escola inoperacional porque não resiste a estes ventos”, salientou.

O governante admitiu que esta resistência já poderia ter sido equacionada, mas sublinhou que “depois deste evento não há desculpa se voltarmos a ter uma escola nesta região que foi interencionada neste período e cujo telhado voe outra vez”. O Governo tem estado em conversações, sobretudo, com os presidentes das câmaras de Leiria e da Marinha Grande — concelhos cujas escolas foram mais afetadas pela tempestade — para redesenhar projetos já existentes, como o da

Escola Secundária José Loureiro Botas, em Vieira de Leiria, no concelho da Marinha Grande.

“Tínhamos este investimento previsto, a câmara já tinha projeto e estava pronto para ir a concurso público. Mas já falei com os dois presidentes”, adiantou Fernando Alexandre.

Segundo explicou o ministro, o primeiro aviso do empréstimo do Banco Europeu de Investimento (BEI) terminou agora para as escolas de prioridade um (P1), mas os projetos poderão ser ajustados para integrar “estruturas que se tornem mais resilientes”.

Abrigo para a população

“O aviso dois, que terminava em junho, estamos a discutir com a área da Coesão uma proposta para termos várias fases” e permitir que “escolas propostas pelas autarquias, onde estavam previstas as P2, possam alterar as propostas que tinham e introduzir critérios de majoração para a resiliência da rede”, acrescentou, sublinhando a necessidade de reforçar essa dimensão.

Fernando Alexandre observou ainda que “as infraestruturas escolares, se forem bem construídas, podem ser lugares de abrigo para a população” e não são apenas garantia de que as aprendizagens não são interrompidas. Para o governante, as escolas têm de “ser resilientes às tempestades, mas também a sismos e a incêndios”. Ainda assim, defendeu equilíbrio: “não podemos construir bunkers”. O essencial, reforçou, será garantir a capacidade de enfrentar os desafios futuros.